



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DELTA DO PARNAÍBA - UFDPAR
CAMPUS MINISTRO REIS VELLOSO - CMRV
CURSO DE BACHARELADO EM PSICOLOGIA**

AMANDA MELO FREIRE

O BEM-DIZER DA FALTA NAS CRÔNICAS DE CLARICE LISPECTOR

PARNAÍBA

2023

AMANDA MELO FREIRE

O BEM-DIZER DA FALTA NAS CRÔNICAS DE CLARICE LISPECTOR

Artigo científico apresentado como requisito para obtenção do título de Bacharel em Psicologia/Formação do Psicólogo, da Universidade Federal do Delta do Parnaíba, campus Ministro Reis Veloso.

Orientador: Prof. Dr. Fabiano Chagas Rabêlo

PARNAÍBA

2023

FICHA CATALOGRÁFICA
Universidade Federal do Delta do Parnaíba
Biblioteca Central Prof. Cândido Athayde
Serviço de Processamento Técnico

F866b Freire, Amanda Melo

O bem-dizer da falta nas crônicas de Clarice Lispector [recurso eletrônico] Amanda Melo Freire. – 2023.

1 Arquivo em PDF.

TCC (Bacharelado em Psicologia) – Universidade Federal do Delta do Parnaíba, 2023.

Orientação: Prof. Dr. Fabiano Chagas Rabêlo

1. Psicanálise. 2. Crônicas de Clarice Lispector. 3. Desamparo. 4. Bem-Estar Poético. 5. Literatura. I. Título.

CDD: 150.195



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO – MEC
UNIVERSIDADE FEDERAL DO DELTA DO PARNAÍBA
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA

ATA DE DEFESA DE TCC II
(TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO)

No dia 31 de março de 2023, em Parnaíba e Fortaleza, de modo online, reuniram-se os membros da comissão designada pelo Colegiado do Curso de Graduação em Psicologia da UFDPAr, para a defesa pública do Trabalho de Conclusão de Curso do(a) aluno(a) **Amanda Melo Freire**. Foram componentes da banca examinadora os Professores: **Dr. Fabiano Chagas Rabêlo** (Orientador/UFDPAr) **Mestre Eveline Mourão de Araújo** (Membro/UFC), **Mestre Samanta Basso** (Membro/ UFC). Compareceram à cerimônia, além do avaliado, representantes dos corpos docente e discente da Universidade Federal do Delta do Parnaíba e interessados em geral. Dando início aos trabalhos, o(a) presidente da banca, Prof. Fabiano Chagas Rabêlo, após declarar o objetivo da reunião, apresentou a aluna **Amanda Melo Freire** e, em seguida, concedeu-lhe a palavra para que dissertasse sobre o artigo, intitulado: **“O bem-dizer da falta nas crônicas de Clarice Lispector”**. A candidata foi, a seguir, arguido pelos examinadores na forma regimental. Ato contínuo passou a comissão, em secreto, à avaliação e julgamento do trabalho, concluindo por atribuir-lhe o conceito: **aprovado**, o qual foi proclamado pela presidência logo que esta foi franqueada ao recinto da solenidade pública. Nada mais havendo a tratar, eu **Sandra Elisa de Assis Freire** (Chefe do Curso de Graduação em Psicologia – UFDPAr), lavrei a presente ata, que depois de lida e aprovada, assino juntamente com todos os membros da banca.

Parnaíba, 31 de março de 2023.

Orientador:

Membro1:

Membro 2:

Chefe do Curso:  Documento assinado digitalmente
SANDRA ELISA DE ASSIS FREIRE
Data: 02/04/2023 19:27:41-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a todos vocês que foram fundamentais em minha jornada acadêmica e pessoal, e contribuíram para que eu chegasse até aqui. Muito obrigada!

A Deus, pela saúde e força concedida para superar os desafios ao longo da graduação;

Aos meus pais, José Afonso Freire Melo e Arlene Sampaio Melo Freire, cujo amor, incentivo e apoio incondicional foram fundamentais para minha formação acadêmica e pessoal.

Ao meu irmão, Armando Melo Freire, por estar sempre presente, me apoiando nos momentos difíceis, celebrando comigo as conquistas e me encorajando a seguir em frente;

Ao meu noivo, Vagner Henrique Loiola Bessa, por ser meu companheiro e por me inspirar a ser melhor a cada dia;

Aos meus melhores amigos, Antonia Emylle Soares Cavalcanti e Francisco Luan Santos Machado, pelo suporte emocional e pela motivação para não desistir dos meus sonhos.

Às minhas amigas e irmãs de fé, Isabel Ferreira Macêdo, Raquel Soares Brito de Melo e Nadielle Benicio da Silva Mesquita, pelas orações e cuidado;

E aos meus amados animais de estimação, Loopy, Mia, Theo, Mônica, Aram, Lizzy e Clarice, que foram fonte de suporte emocional e amor incondicional ao longo dessa jornada.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, por me conceder sabedoria e me manter firme nos momentos difíceis.

Aos meus pais, meu irmão, meu noivo e amigos, por todo o apoio e pela ajuda, que muito contribuíram para a realização deste trabalho.

A minha querida professora Me. Ruth Arielle Nascimento Viana, por despertar em mim a paixão pela psicanálise e guiar meus primeiros passos na área.

Ao meu orientador, professor Dr. Fabiano Chagas Rabêlo, por ter sido meu orientador, por ter desempenhado tal função com dedicação e pelas correções, conselhos, ensinamentos, ajuda e paciência que me permitiram apresentar um melhor desempenho no meu processo de formação profissional e elaboração deste trabalho.

À Universidade Federal do Delta do Parnaíba, por ter me acolhido durante meu processo de formação profissional e por tudo o que aprendi ao longo dos anos do curso.

Por fim, a todos que participaram, direta ou indiretamente do desenvolvimento deste trabalho de pesquisa, enriquecendo o meu processo de aprendizado.

Muito obrigada!

RESUMO

Esta é uma pesquisa bibliográfica que explora a interface entre psicanálise e literatura a partir dos conceitos de falta e desamparo, com Freud e Lacan. O objeto investigado são as crônicas de Clarice Lispector publicadas entre 1967 e 1968, com destaque para os textos em que o próprio processo da escrita e o feminino são interrogados. Realizou-se para isso buscas nas plataformas SCIELO e PEPSIC a partir dos termos “Clarice Lispector”, “Crônica” e “Psicanálise”. Conclui-se que as crônicas da autora, na condição de uma escrita íntima e autobiográfica, são capazes de estabelecer um laço peculiar com o leitor. A partir do reconhecimento da impossibilidade da ordem simbólica de tudo significar, elas testemunham a transformação contingente do encontro faltoso e traumático com o Real, a *tyché*, em um bem-dizer poético. Dessa maneira, a escrita clariceana tece bordas na falta que é constitutiva do sujeito, instigando o leitor a produzir um saber sobre si.

Palavras-chave: Clarice Lispector; crônicas; falta; desamparo, bem-dizer

ABSTRACT

This is a bibliographic research that explores the interface between psychoanalysis and literature based on the concepts of lack and helplessness, with Freud and Lacan. The investigated object are Clarice Lispector's chronicles published between 1967 and 1968, with emphasis on the texts in which the writing process itself and the feminine are questioned. Searches were carried out on the SCIELO and PEPSIC platforms with the terms “Clarice Lispector”, “cronicles” and “Psychoanalysis”. It is concluded that the author's chronicles, an intimate and autobiographical writing, establish a peculiar bond with the reader. From the recognition of the impossibility of the symbolic order of meaning everything, they testify the transformation of the faulty and traumatic encounter with the Real, the *tychê*, into a contingent poetic well-saying. Clarice's writing weaves edges to the lack that is constitutive of the subject, which in turn instigates the reader to also produce a knowledge about himself.

Keywords: Clarice Lispector; chronicles; lack; helplessness, well-saying.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
2. MÉTODO	12
3. A CRÔNICA NA OBRA DE CLARICE LISPECTOR	12
4. A LINGUAGEM, A ESCRITA E O ENDEREÇAMENTO AO LEITOR	14
5. O AMOR, A FAMÍLIA E O FEMININO	16
6. A VIDA, A MORTE E O LUTO	18
7. A INIQUIDADES SOCIAIS	19
8. CONSIDERAÇÕES FINAIS	20
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	21

1. INTRODUÇÃO

Este artigo interroga as vias pelas quais as crônicas de Clarice Lispector produzem um bem-dizer sobre a falta, o desamparo e o desejo. A ideia de realizar esta pesquisa surgiu da proposta de situar o lugar constitutivo da falta e do desamparo na dinâmica psíquica da neurose. É importante destacar que, para a psicanálise, a subjetividade humana fundamenta-se no movimento ininterrupto de um desejo indestrutível, cuja mola propulsora é uma falta fundamental, isto é: a insatisfação que resta das tentativas falhadas de reviver alucinatoriamente uma experiência de prazer que marcou de forma indelével o funcionamento do aparelho psíquico na sua origem a partir de uma vivência de desamparo (FREUD, 1900/2019, 1926/2014). Decorre daí que a relação do psiquismo com a realidade deriva de uma ação posterior que busca corrigir, ainda que de forma incompleta, as tentativas frustradas de reproduzir uma experiência de satisfação radical, cuja nostalgia orienta o desejo (FREUD, 1911/2010).

Assim, os objetos de amor da realidade são, em última instância, substitutos imperfeitos de um objeto mítico primordial impossível de ser restituído ou reencontrado. Por conseguinte, toda satisfação só se produz de forma parcial, sob um resto de insatisfação, o que relança incessantemente o desejo para além da demanda (QUINET, 2000). Como consequência dessas premissas, tem-se que a direção do tratamento na Psicanálise pode ser descrita como um bem dizer o desejo (LACAN, 1959-60/1988), fato que torna possível uma transformação na qualidade das experiências de fruição, das relações amorosas, afetivas e sociais e das atividades laborativas (FREUD, 1904/2016, 1912/2010). Nos dizeres de Quinet (2000), trata-se de transformar o horror à falta em saber.

Do exposto, é possível afirmar que a orientação do trabalho analítico encontra profundas e significativas reverberações com o fazer do artista (FREUD, 1911/2010), em especial do escritor literário, o *Dichter* a qual Freud (1908/ 2015) se refere. Segundo Freud (1907), o escritor é capaz de expressar um saber acerca da subjetividade que só é acessível ao analista após um longo e dispendioso percurso de investigação. Pode-se dizer daí que o escritor literário está à frente do psicanalista no entendimento da psiquê humana. Por isso, a literatura pode ser utilizada como material de pesquisa para o psicanalista, como suplemento à investigação clínica.

Seguindo essa orientação, Ferreira, Silva e Carrijo (2014), ao destacar o lugar da falta e de um resto impossível de simbolizar inerente ao desejo, põem em relevo o esforço do escritor literário de produzir um bem-dizer, o que difere radicalmente de um tudo dizer ou compreender. Para os autores, tal bem-dizer é a expressão criativa de um saber-fazer com as palavras, que, antes de buscar transmitir um significado prévio, convoca o leitor a elaborar suas próprias fantasias, sintomas e desejos e, assim, produzir um saber inédito e singular. Aposta-se, portanto, que essa experiência estética é capaz de mediar o surgimento de uma nova forma de circunscrever as bordas do objeto do desejo, que, não obstante, permanece opaco e inacessível em sua totalidade.

Após essa introdução na qual se justificou o uso da literatura como material para a pesquisa analítica, apresenta-se a seguir o recorte do objeto desta pesquisa. Selecionou-se o gênero textual da crônica em razão de sua dimensão íntima e autobiográfica. Pontua-se que, por meio da crônica, o escritor modula uma comunicação íntima e particular com o seu público. Os leitores, por sua vez, são convocados a ocupar uma posição de confidente de pensamentos, desejos, fantasias e sentimentos que, todavia, reverberam os seus próprios (GUTIÉRREZ, 2019).

Propõe-se comentar as crônicas de Clarice Lispector (1920-1977), haja vista que se reconhece uma proximidade entre as teorias e práxis psicanalíticas e a obra clariceana, cujas potencialidades podem ser mais exploradas e aprofundadas. Salienta-se que, em suas crônicas, a autora desenvolve artesanalmente um bem-dizer sobre as mais profundas angústias e inquietações humanas que impactam de forma pungente na experiência de leitura (ANTUNES, 2014).

A apresentação da discussão ocorre por meio de eixos temáticos. Na primeira parte, discute-se o gênero da crônica e uso que Clarice Lispector faz dele, destacando-se o contexto histórico em que seus textos surgiram e a contribuição dos estudiosos que se dedicaram à sua análise. Em seguida, são comentadas as crônicas que versam sobre o processo de escrita e o endereçamento ao leitor. Depois, são debatidas as crônicas dedicadas ao feminino, ao amor e à família. Daí, são analisadas as crônicas que problematizam a morte, a vida e o luto. Por fim, o foco recai nos textos que tratam de questões políticas e culturais como a violência e as desigualdades raciais, econômicas e de gênero. Acredita-se que esses tópicos permitem uma abordagem transversal do tratamento dado à falta, ao desamparo e ao bem-dizer o desejo nas crônicas clariceanas.

2. MÉTODO

Trata-se de uma pesquisa bibliográfica e psicanalítica em que o objeto investigado é o bem-dizer do desejo na escrita literária. Os conceitos que a fundamentam são a falta e o desamparo. O *corpus* da pesquisa é por uma seleção das crônicas de Clarice Lispector. Optou-se por restringir o material analisado aos textos veiculados no *Jornal Brasil* nos anos 1967 e 1968, período que abrange os dois primeiros anos de escrita das crônicas de Clarice Lispector. Percebe-se neste íterim uma preocupação da autora em interrogar o próprio processo de escrita e os efeitos do texto, nos leitores e no próprio escritor. Desse modo, para Lispector, a própria escrita e os modos de endereçamento que ela proporciona tornam-se objetos de análise e experimentação.

Além do apoio em textos de Freud, Lacan e outros autores psicanalistas, buscou-se respaldar teoricamente a pesquisa em livros que tomam a obra de Clarice como tema principal. Também foram utilizadas referências oriundas de periódicos nacionais indexados no sistema Qualis. Assim, foram realizadas buscas nas plataformas SCIELO e PEPSIC a partir dos descritores: “Clarice Lispector”, “Crônica” e “Psicanálise”.

3. A CRÔNICA NA OBRA DE CLARICE LISPECTOR

Segundo Ferro e Ferro (2013), a crônica é um gênero limítrofe entre o jornalismo e a literatura. A etimologia da palavra que o nomeia tem origem do grego, onde *chronos* significa tempo. Na mitologia grega, trata-se do Deus que devorava os seus próprios filhos. Daí deriva os sentidos de evanescente, finito e passageiro associado a esse termo, que, por sua vez, é transmitido ao gênero literário em questão.

A princípio, no século XVI, a crônica resumia-se a uma narrativa histórica, factual e linear, com características mais generalistas. Entretanto, ela logo adquiriu uma perspectiva mais particular e interpretativa, ainda que mantivesse o propósito historiográfico inicial. Assim, nessa época, ao redigir crônicas, o autor buscava um estilo narrativo neutro e imparcial, que valorizava acontecimentos concretos e datados.

A partir do desenvolvimento dos meios de comunicação no século XIX, as crônicas encontram nos jornais um meio privilegiado de divulgação, popularizando-se entre os leitores. Doravante, as crônicas são objetos de várias experimentações literárias, sofrendo transformações significativas tanto na sua forma como no seu conteúdo.

De acordo com Redmond (2010), atualmente a crônica é um modalidade de texto literário produzido sobretudo para ser veiculado na imprensa. Via de regra, as crônicas se

dirigem ao leitor comum e mediano, tecendo um breve comentário sobre acontecimentos triviais, corriqueiros e cotidianos da vida. Para o autor, a crônica alterna perspectivas - ora objetiva, ora subjetiva -, ao mesmo tempo que se vale em determinados momentos de uma linguagem poética e irônica.

Clarice Lispector (1920-1977), escritora e jornalista, é uma das mulheres de maior destaque da literatura brasileira do século XX pela sua obra literária intimista, repleta de metáforas e analogias. Durante sua vida, para além de seu trabalho como escritora, dedicou-se ainda a colaborar com diferentes veículos de imprensa, especialmente na elaboração de inúmeras crônicas, que foram publicadas no *Jornal do Brasil*, no jornal *Última hora* e na revista *Senhor* (ANTUNES, 2014).

Malgrado de seus temores em tornar públicos aspectos da sua intimidade, a escritora estreou como cronista em agosto de 1967 no *Caderno B* do *Jornal do Brasil* em uma coluna aos sábados. O que de início se apresentou como motivo de receio e insegurança, logo se evidenciou como o seu maior trunfo tanto como estratégia de comunicação com o leitor, como no campo das experimentações estilísticas. Clarice Lispector, não se sentindo à vontade com os modelos textuais de sua época, flexibilizou os limites comuns da crônica, adotando um discurso privado, íntimo e, por vezes, autobiográfico, que se endereçava aos leitores como confidentes (GUTIÉRREZ, 2019).

Em suas crônicas, abordou diversos temas, porém, sobretudo nos primeiros dois anos de contribuição para o *Jornal do Brasil*, deu destaque a vivências pessoais, a críticas sociais, a busca do eu, a relação com a família e os amigos, ao amor e, não menos importante, a reflexões sobre o ato da escrita (COLASANTI, 2018).

“Sei que não sou”, escreve Clarice Lispector (2018, p. 118) no texto intitulado *Ser cronista*. A escritora questiona-se “Crônica é um relato? É uma conversa? É um resumo de um estado de espírito? Não sei (...)” (p. 118). Após assumir esse desconhecimento, a autora reconhece que ao receber o convite para escrever aos sábados sentiu muito medo, haja vista que, até então, a sua experiência literária se resumia a contos e romances. Seu receio acerca da redação de crônicas decorre da convicção de que, mesmo não fosse essa sua intenção, “à medida que escrevia (...) se tornava pessoal demais, correndo o risco daqui em breve de publicar minha vida passada e presente” (p. 119).

Clarice Lispector relata no texto *Ser cronista* que o seu modo de escrever se transforma ao saber previamente que seus textos serão divulgados em um veículo de comunicação que é “(...) algo aberto facilmente por todo o mundo” (LISPECTOR, 2018, p. 119). Neste ponto, levanta uma série de questionamentos sobre as especificidades da crônica.

Nas suas palavras: “Mas mudar só porque isto é uma coluna ou uma crônica? Ser mais leve só porque o leitor quer assim? Divertir? Fazer passar uns minutos de leitura?” (p. 119). Sobre o ofício do cronista, vaticina: “Sei que não sou” (p. 118). Assim, ao se afastar da posição de cronista de ofício, mesmo exercendo tal função, Clarice concilia-se com esse gênero literário com o argumento de, por meio da crônica, é possível promover uma comunicação mais profunda consigo mesma e com seus leitores. Portanto, conclui; “Aqui no jornal apenas falo com o leitor e agrada-me que ele fique agradado. Vou dizer a verdade: não estou contente” (p. 119).

Mais tarde, na crônica *Conversas*, afirma: “Como vocês vêem isto não é uma coluna, é conversa apenas.” (LISPECTOR, 2018, p. 146). Já no texto *Fernando Pessoa me ajudando*, a autora, após reiterar a convicção de que seus textos publicados no jornal não são crônicas, pondera que, mesmo os melhores cronistas, não escapam de revelar suas intimidades, o que para ela é motivo de angústia e desgosto. Confidência que lhe desagrada e assusta a perspectiva de perder a sua intimidade secreta, de apresentar suas questões pessoais e, justamente por essa via, tornar-se popular. Todavia, não recua diante do desafio que se lhe apresenta e finaliza. “Vou ver o que posso fazer, se é que posso.” (p. 147). Por fim, se consola na seguinte frase de Fernando Pessoa: “Falar é o modo mais simples de nos tornarmos desconhecidos” (p. 147).

Em *Outra carta*, Clarice apresenta um apelo que lhe foi direcionado por um leitor: “Não deixe sua coluna sob o pretexto de que pretende defender a sua intimidade. Quem a substituiria?” (LISPECTOR, 2018, p. 79). A escritora responde: “Por enquanto [...] não estou largando a coluna: mas, aprendendo um jeito de defender minha intimidade” (p. 80). Ato contínuo, confessa: “lado a lado com o desejo de defender a própria intimidade, há o desejo intenso de me confessar em público” (p. 80). Demonstra então uma certa dose de desconforto e insatisfação com a escrita que vinha produzindo, pois constata que até então estava buscando se conformar aos modelos textuais já tradicionalmente estabelecidos.

4. A LINGUAGEM, A ESCRITA E O ENDEREÇAMENTO AO LEITOR

Na crônica *Intellectual? Não.*, Clarice Lispector afasta de si com ênfase o epíteto *intellectual* que as pessoas insistentemente associam a sua pessoa. Questiona-se: “O que sou então?” (LISPECTOR, 2018, p. 163). Como resposta à pergunta que ela mesmo formulou, descreve-se como uma pessoa sensível que tem um coração que, às vezes, vê e percebe coisas. A partir dessa condição, sente-se impelida a traduzir em palavras suas vivências: “um

mundo ininteligível” e “impalpável” (p. 163). Sobretudo, a escritora se reconhece como uma pessoa “[...] cujo coração bate de alegria levíssima quando consegue em uma frase dizer alguma coisa sobre a vida humana ou animal” (p. 163).

Em *Conversa telefônica*, a escritora dá prosseguimento às suas reflexões sobre o ato de escrever. Relata que uma grande amiga registrou por escrito a sua fala durante uma conversa telefônica e, depois disso, encaminhou-lhe as anotações. Ao lê-las, afirma que, ao mesmo tempo que se reconheceu no texto, também se estranhou. Logo, o que está em questão é o retorno do conteúdo de uma fala espontânea e coloquial na forma de texto. Nas anotações repassadas pela amiga, Clarice contava que, por vezes, tem o sentimento de estar procurando por alguma coisa, que quer continuar nessa procura, que sente obrigada a continuar, mas que teme encontrar o que não quer ou se confrontar com algo muito novo e inesperado. Apesar de reconhecer em si coragem de enfrentar tal desafio, diz que o preço a pagar é alto e que já está cansada. Percebe que precisa tomar uma decisão acerca de qual caminho seguir e que não sabe onde encontrar “a coisa” (LISPECTOR, 2018, p. 173), objeto de sua escrita. Não obstante, confessa estar viciada em viver intensamente e declara: “A hora de escrever é o reflexo de uma situação toda minha. É quando sinto o maior desamparo” (p. 173).

Segundo Antunes (2014), Clarice Lispector possui um modo de escrever estranho e intrigante. Destaca nos textos da escritora a predileção por palavras que remetem à incompletude. Por meio delas, procura dar voz a ideias caóticas e mundos sombrios que lhe habitam. Ao buscar expressar suas vivências mais subjetivas, o texto clariceano acaba por reafirmar a impossibilidade de uma significação simbólica daquilo que almeja capturar pela escrita. Dessa forma, Clarice envolve o leitor com as lacunas de sua narrativa, onde esse objeto enigmático e furtivo espreita como um *semi-dizer*.

É lícito afirmar então que ela própria, em seu projeto literário, já se reconhece como um ser faltoso, condição que se reflete no seu modo de apreensão da vida, dos seres e das coisas. Daí que suas crônicas apresentam-se como um constante estado de abertura, que faz reverberar a falta – motor da escrita – na subjetividade de quem lê. Seu modo de escrever permite ao leitor uma ligação particular com o texto por meio da qual ele próprio é convocado a se confrontar com os seus próprios dizeres.

Em *Insônia infeliz e feliz*, a cronista nos apresenta suas sensações e pensamentos durante uma madrugada de insônia na qual, na falta de alguém para telefonar, diz ter sido assolada por um sentimento que só podia ter um nome: a solidão.

Em *Angina Pectoris da Alma*, Clarice descreve uma angústia que lhe estreitou o peito e lhe rouba as esperanças e as palavras. Declara que essa angústia é acompanhada por uma

intensa vivência de dessubjetivação: de não ser o que deveria ser ou saber o que realmente é. Conclui com a afirmação de que o simples fato de estarmos vivos já nos coloca em uma posição de angústia e desamparo.

Na crônica *Em busca do outro*, Clarice Lispector (2018) conta que entende os que buscam um caminho e confidencia: “Como busquei arduamente o meu!” (p. 130). Entretanto, para ela, chegou o momento em que essa busca ávida e apaixonada por um caminho se findou, pois dessa forma não foi capaz de encontrar um lugar onde pudesse ser simplesmente ela. Afirma que, no momento de escrita desta crônica, não ousa mais falar em caminho, apenas busca o seu melhor jeito de existir, um modo de andar. Não obstante, afirma ter certeza de uma coisa: “meu caminho não sou eu, é outro, é outros. Quando eu sentir plenamente o outro estarei salva...” (p. 130).

Em *Morte de uma baleia*, a escritora complementa esse argumento: “Nunca atingiremos em nós o ser humano: a busca e o esforço serão permanentes” (LISPECTOR, 2018, p. 136). Assim, diz não guardar ilusões sobre o fato de que sua busca é interminável; sua, falta perene; e seu ser, inacessível.

5. O AMOR, A FAMÍLIA E O FEMININO

Clarice Lispector nasceu na Ucrânia em 1920, época em que seus pais, judeus russos, se refugiavam devido o antissemitismo fervoroso propagado pela Guerra Civil Russa (1918-1920). A família conseguiu imigrar para o Brasil apenas em 1922 e se instalou em Maceió, onde viveu por um tempo sob difíceis condições. Em 1930, Clarice perdeu sua mãe, Mania Lispector, que foi vítima de sífilis que lhe destinou um fim de vida lento e penoso em um país estranho e sem tratamento (FARIA, 2021).

Em *Pertencer*, a escritora discorre acerca da falta traumática que lhe acompanhou desde o nascimento, a necessidade de pertencimento, que a compara com uma sensação de fome insaciável. Clarice relaciona essa necessidade ao que, durante os primeiros anos de sua infância, acreditou que o propósito de sua vida e a razão pela qual foi concebida: a cura de sua mãe doente. Após o seu falecimento, Lispector afirma ter se sentido totalmente desamparada, sem propósito de vida ou referência de pertencimento.

Através de sua biografia constata-se que Clarice, sendo a caçula da família, era nova demais para trabalhar e ajudar no sustento do lar, como faziam seu pai e irmãs. Então, fazia companhia para sua mãe doente em casa, encenando peças ou contando histórias para ela. A

partir disso, desenvolveu seu gosto pelas palavras, escrita e construção de narrativas, que se estabeleceu como um hábito mesmo após o falecimento de sua mãe (FARIA, 2021).

Na crônica *Eu sei o que é primavera*, escreve: “ (...) aceito a possibilidade do grande Outro existir apesar de eu ter rezado pelo mínimo e não ter sido me dado” (LISPECTOR, 2018, p. 152), e assim manifesta a crença de que até mesmo Deus lhe deixou desamparada.

Na crônica *Fidelidade*, Clarice Lispector (2018) volta a falar de um “desamparo infantil” (p. 154) que lhe visita nos momentos mais difíceis, fazendo com que se refugie na leitura dos livros de Monteiro Lobato.

Em *O Grito*, Clarice Lispector (2018) revela precisar de um amparo que apenas o amor seria capaz de oferecer. Todavia, deixa implícito que o amor que conheceu neste mundo não correspondeu às suas crenças de como ele deveria ser. Assim, o grito constitui uma expressão de cansaço: de se sentir no limite do seu ser, no ponto de não saber o que fazer consigo.

Nas primeiras linhas do texto, explica: por mais que existam pessoas que a considerem simpática, diz nutrir uma profunda antipatia por si mesma. Seu amor pelo mundo não impediu suas lágrimas de sangue, as guerras, as mortes ou as separações mortais, que para ela são tão insuportáveis. Até seus filhos, aos quais dedica profundo amor, além de alegria, lhe causam sofrimento. Arremata: assim como o mundo falhou para ela, ela falhou para o mundo.

Em *Vestido Branco*, Clarice Lispector (2018) escreve sobre seu desejo por um vestido branco: "Acordei de madrugada desejando ter um vestido branco. E seria de gaze. Era um desejo intenso e lúcido" (p. 84). Isto pois, para ela o vestido branco representa inocência, e mesmo havendo pessoas que a considera perigosa, ela se acha inocente e afirma que só representa perigo para aqueles que tem perigo dentro de si. Entretanto, ela expressa que "Talvez eu nunca venha a tê-lo, mas é como se tivesse, de tal modo se aprende a viver com o que tanto falta" (p. 84). Clarice finaliza o texto dizendo que o amor é puro, e então percebe que na verdade ela não é pura, fazendo referência a sua falta e desamparo de amor, "Grossura é pureza? Uma coisa sei: amor, por mais violento, é. E eis que de repente agora mesmo vi que não sou pura" (p. 85).

Em *As três experiências*, Clarice Lispector (2018) revela suas tentativas de tamponar a falta traumática do nascimento. Apesar dos fracassos, conta que existem três coisas para as quais nasceu e dedica a própria vida: "Nasci para amar os outros, nasci para escrever, e nasci para criar meus filhos" (p. 104). Considere amar uma salvação individual, da qual todos deveriam se permitir realizar. Quanto a escrita ela sente que nasceu para escrever, mas

acredita que um dia poderá chegar o momento em que sentirá que deve aprender a parar. Em relação aos filhos, declara estar ciente que um dia eles vão trilhar seus próprios caminhos e ela ficará novamente sozinha. Então, Clarice chega a conclusão que amar será o que lhe restará pelo resto da vida, pois nunca acaba, sendo assim, sua única garantia.

Em *Amor imorredouro*, Clarice conta que pegou um táxi em que o motorista era um espanhol de olhar triste, e durante a corrida conversaram e ele lhe contou sua história. "Há catorze anos amou uma jovem espanhola, na terra dele... A moça adoeceu, sem que ninguém soubesse de quê, e em três dias morreu" (p. 19). Ele ficou tão triste que por anos não se alimentava direito. O jovem buscou amparo em festas, mudando de país e de profissão, mas nada adiantou. Até que se firmou como chofer, e revelou que nesses quatorze anos nunca amou uma mulher novamente, entretanto "a saudade diária que sente de Clarita não atrasa sua vida, que ele consegue ter casos e variar de mulheres. Mas amar – nunca mais" (p. 20). Em relação a isso Clarice opina: "Acho justo que a vida dele não fique totalmente atrasada. Já basta o drama de não conseguir amar ninguém mais" (p. 20). Com essa descrição percebe-se que, apesar da dor da perda, o chofer espanhol aprendeu a conduzir sua existência, inventando formas de lidar com a falta da pessoa amada.

6. A VIDA, A MORTE E O LUTO

Na crônica *Um pedido*, ao discorrer sobre sua preocupação com alguém em virtude do elevado consumo de álcool, elabora um importante alerta sobre as maneiras extremas que buscamos aliviar a dor da falta e do desamparo, "Estou implorando que você não beba tanto. Alguma bebida, sim, porque você precisa de sentir um amparo e, em vez de amparo humano, escolheu por pudor a bebida" (p. 74). A partir disso, ela conta que também é difícil para ela viver, mas está tentando e novamente súplica: "Eu imploro que você não encurte a vida. Viva. Viva. É difícil, é duro, mas viva" (p. 74).

Na crônica "As dores da sobrevivência: Sérgio Porto" Clarice Lispector expressa a dor do desamparo manifestada devido à morte de uma pessoa querida, Sérgio Porto, configurando-se em uma falta eterna. Em meio ao sofrimento, Clarice declara que não quer mais gostar de ninguém pois "Meu mundo é feito de pessoas que são as minhas - e eu não posso perdê-las sem me perder" (p. 151). Assim, chora a morte do amigo e afirma que "O povo sentirá a sua falta...".

7. A INIQUIDADES SOCIAIS

Em *As crianças chatas*, a escritora apresenta uma sequência de negativas e recusas que fomentam a curiosidade do leitor: "Não posso pensar na cena que visualizei e real" (p. 11). Descreve em seguida uma situação na qual, durante a noite, um filho insistentemente queixa-se para a mãe de estar com fome. Entretanto, a mulher, que também compartilha da mesma dor, solicita ao filho que pare de reclamar e durma, para que, dessa forma, seu sofrimento desapareça. Clarice relata a cena em poucas linhas e finaliza expressando sua revolta: "Ah, como devoro com fome e prazer a revolta" (p. 11).

A descrição não apresenta o nome dos sujeitos que compõem o relato. Apesar disso, possui a capacidade de despertar no leitor sentimentos semelhantes ao da escritora. Por relatar uma situação de privação de uma necessidade fundamental que se impõe contra a vontade e as possibilidades da mãe, Clarice coloca o leitor em contato com a falta de diferentes perspectivas: a da mãe, mulher adulta e provedora, que se percebe impotente e desvalida; a do filho, que desesperadamente clama por ajuda à pessoa a quem mais ama; a do leitor, testemunha indireta dessa situação anônima e obscena de desamparo, que, não obstante, é indubitavelmente cotidiana e real; e a da própria narradora-observadora, que, diante do fato narrado, talvez repetido inúmeras vezes com diferentes personagens, resigna-se em compartilhar em uma crônica a sua fome insaciada por justiça.

Em *O arranjo*, Clarice Lispector conta a história de uma mulher "cria da casa grande, desde menina" (p. 128), que se distraía e divertia com facilidade, mas "sem sorrir: não era alegre" (p. 128). A dona da casa a insultava. Chamava-a de débil mental. Dizia que qualquer homem poderia se relacionar com ela. A mulher, que ficava grávida constantemente, tornava-se cada vez mais objeto de insultos. Segundo a patroa, seus filhos eram "distribuídos depois como gatos, amarelados como sua mãe" (p. 128). Apesar disso, ela não era escrava, pois vivia independente dos donos da casa e dava a luz aos seus próprios filhos. A escritora conclui a crônica atualizando seus leitores sobre a situação da moça. Encontrou-a na rua dois anos depois: estava vivendo com um português.

A crônica evoca uma situação de miséria e violência, lastreada por processos culturais e históricos, que parecia solapar toda a beleza e vontade de viver da mulher. No entanto, um olhar estrangeiro, estranho a violência socialmente arraigada, foi capaz de ver aquela mulher para além dos impropérios e aviltamentos que lhe eram constantemente destinados e desejá-la.

De forma curta e sucinta, mas certa e precisa, Clarice Lispector aborda questões sociais como a violência, o preconceito racial e a desigualdade econômica e de gênero em uma linguagem cotidiana e coloquial, o que a difere dos cronistas políticos de seu tempo. Seu texto não é exortativo, nem se deixa exaurir pela denúncia do fato. Eles são alheios a temas ideológicos, partidários ou religiosos. Ainda assim, são políticos, pois abordam a urgência de um posicionamento ético em nome de uma sensibilidade humana compartilhada. Seus textos, a partir do acontecimento relatado, evocam nos leitores as suas próprias vivências de desamparo que, mesmo silenciadas ou obliteradas, produzem alguma forma de implicação subjetiva. Tal reação, em certa medida, são desdobramentos das reações originais da própria autora, que reverberam no seu texto.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A falta e o desamparo vivenciadas pelo ser humano desde sua origem produzem sensações intensas de insatisfação, desprazer e angústia, que resultam em uma experiência traumática e particular do sujeito, representando uma ameaça. Impossíveis de serem superadas, essas sensações marcam sua vida para sempre, atuando enquanto fundante e estruturante do indivíduo. Assim, para sua organização psíquica, o sujeito precisa buscar formas de lidar com essas sensações desagradáveis.

A arte é uma maneira de enfrentar a angústia provocada pelo confronto com a falta, e constitui um material de pesquisa e investigação da psicanálise. O estudo desse tema é essencial para a compreensão do mal-estar humano, e, dessa forma, proporcionar condições para que o psicanalista consiga explorar essa temática, que, de outro modo, seria dificilmente estudada e compreendida, visto que é um assunto fugidio tanto na vida cotidiana como na clínica, mas frequente nas produções artísticas.

As crônicas de Clarice Lispector são um fazer artístico, que reconhecem que a dimensão simbólica é marcada pela falta e instituem seu bem-dizer poético. Assim, apresentam uma dimensão criativa através das palavras, que não buscam ter algum significado, mas que ao se apresentarem enquanto palavras poéticas, convoca o leitor a dizer algo sobre sua fantasia, sintoma e desejo, e assim produzir seu próprio saber. Dessa forma, a escrita clariceana estabelece um laço peculiar com o leitor devido à sua escrita íntima e autobiográfica, criando bordas na falta que é constitutiva do sujeito, e assim surge a possibilidade de simbolizar o objeto de desejo, o que proporciona uma experiência psicanalítica de perceber o inefável.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES, P. R. Clarice Lispector: A escrita da incompletude para o gozo do leitor. **Ágora**: A revista científica da FaSaR, Santa Rita, n. 6, p. 1-9, abril 2014. Disponível em: <https://www.fasar.com.br/revista/index.php/agora/article/download/9/7/>. Acesso em: 19 fev. 2023.

COLASANTI, M. Prefácio. In: LISPECTOR, C. **Todas as crônicas**. Ed. 1º. São Paulo: Rocco, 2018.

FARIA, Erika Vidal de. Escrever o que não se escreve: Clarice, a letra e o feminino. *Reverso*, v. 43, n. 81, p. 35-42, 2021. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-73952021000100005&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 25 mar. 2023.

FERREIRA, D. D.; SILVA, R. J.; CARRIJO, C. O estilo em psicanálise: O discurso do analista como arte do bem-dizer. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 25, n. 1, p. 71-76, dez. 2014. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/psicousp/article/view/80124/84006>. Acesso em: 19 fev. 2023.

FERRO, A. P. R.; FERRO, F. Crônica: Gênero textual entre jornalismo e literatura (um artigo direcionado aos estudantes universitários). *Educação, Gestão e Sociedade: revista da Faculdade Eça de Queirós*, São Paulo, n. 11, ago. 2013. Disponível em: <https://silo.tips/download/cronica-genero-textual-entre-jornalismo-e-literatura-um-artigo-direcionado-aos-e>. Acesso em: 19 fev. 2023.

FREUD, S. (1900). A interpretação dos sonhos. In: _____. **Obras completas**. 1 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. v. 4, p. 13-126.

FREUD, S. (1904). O método psicanalítico de Freud. In: _____. **Obras completas**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2016. v. 6, 321-330.

FREUD, S. (1907). O delírio e os sonhos na Gradiva de W. Jensen. In: _____. **Obras completas**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2015. v. 8, p. 13-122.

FREUD, S. (1908). O escritor e a fantasia. In: _____. **Obras completas**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2015. v. 8, p. 325-338.

FREUD, S. (1911). Formulações sobre os dois princípios do funcionamento psíquico. In: _____. **Obras completas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. v. 10, p. 108-121.

FREUD, S. (1912). Recomendações ao médico que pratica psicanálise. In: _____. **Obras completas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. v. 10, p. 147-162.

FREUD, S. (1926). Inibição, sintoma e angústia. In: _____. **Obras completas**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2014. v. 17, p. 13-123.

FREUD, S. (1930). O mal-estar na civilização. In: _____. **Obras completas**. São Paulo: Companhia das Letras, 201. v. 17, p. 13-122.

GUTIÉRREZ, M. V. Cronicar lo íntimo: las inflexiones autobiográficas y el lector confidente en las crônicas de Clarice Lispector. **Estud. lit. bras. contemp.**, Brasília, n. 58, p. 1-8, fev. 2019. DOI: <https://doi.org/10.1590/2316-40185814>

LACAN, J. (1959/1960). **Seminário, livro 7: A ética da psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 1988.

LISPECTOR, CLARICE. **Todas as crônicas**. Ed. 1ª. São Paulo: Rocco, 2018.

MORAIS, M. B. L. Poesia, psicanálise e ato criativo: uma travessia poética. **Estudos de psicanálise**, Rio de Janeiro, n. 29, p. 45-56, set. 2006. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-3437200600010008. Acesso em: 01 fev. 2023.

PASSOS, C. F.; NEVES, A. M.; MENEZES, L. S. Prolegômenos do desamparo na psicanálise. **Rev. Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, São Paulo, n. 21(3), p. 525-544, set. 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rlpf/a/KkbNGcx4VqJkrRDRP7wdBbD/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 01 fev. 2023.

QUINET, A. **A descoberta do inconsciente: Do desejo ao sintoma**. 4ª ed.. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

REDMOND, W. V. Aspectos da crônica no Brasil: Uma reflexão crítica. **Verbo de Minas: Letras**, Juiz de Fora, v. 9, n. 17, p. 133-142, jan./jun. 2010. Disponível em: https://www.cesjf.br/revistas/verbo_de_minas/edicoes/Numero%2017/13_WILLIAM.d. Acesso em: 19 fev. 2023.

SIMÕES, Regina Beatriz Silva. Psicanálise e literatura - O texto como sintoma. *Analytica*, v. 6, n. 11, p. 159-179, 2017. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2316-51972017000200009&lng=pt&nrm=iso. acessos em 25 mar. 2023.